

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Nathan Daniel Salles Barbosa

**VIVÊNCIAS E MUDANÇAS: O IMPACTO DO TRABALHO DE CAMPO ETNOGRÁFICO NA  
SUBJETIVIDADE E NA INTERAÇÃO COM O OUTRO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Luzimar Paulo Pereira.  
Coorientador: Lucas Parreira Álvares.

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **NATHAN DANIEL SALLES BARBOSA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072037A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **VIVÊNCIAS E MUDANÇAS: O IMPACTO DO TRABALHO DE CAMPO ETNOGRÁFICO NA SUBJETIVIDADE E NA INTERAÇÃO COM O OUTRO**, desenvolvido durante o período de 27/08/2024 a 11/03/2025 sob a orientação de LUZIMAR PAULO PEREIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de março de 2025

---

**NATHAN DANIEL SALLES BARBOSA**

### Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# VIVÊNCIAS E MUDANÇAS: O IMPACTO DO TRABALHO DE CAMPO ETNOGRÁFICO NA SUBJETIVIDADE E NA INTERAÇÃO COM O OUTRO

Nathan Daniel Salles Barbosa<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo investiga como o trabalho de campo etnográfico impacta não apenas a coleta e interpretação dos dados, mas também a subjetividade do pesquisador, explorando a imersão no campo como uma experiência transformadora. A pesquisa enfatiza a importância da afetividade e do envolvimento emocional no processo etnográfico, destacando como a interação com os interlocutores e a vivência de suas cosmologias reconfiguram as percepções do etnógrafo. Por meio das análises de autores como Jeanne Favret-Saada e Márcio Goldman, além de relatos de pesquisadores de campo, o estudo demonstra que a etnografia não é um processo neutro, mas sim um constante atravessamento entre pesquisador e campo. O conceito de 'ser afetado' emerge como um eixo central para compreender a fusão entre vivência pessoal e investigação acadêmica, evidenciando que, ao final do campo, o etnógrafo não retorna ao mesmo de antes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnografia. Trabalho de campo. Imersão cultural. Subjetividade. Ser afetado.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente documento tem em vista enfatizar a ideia de que o trabalho de campo etnográfico é mais do que uma coleta de dados, é uma experiência profunda no qual pode transformar tanto o pesquisador quanto os interlocutores com os quais ele interage. A imersão no campo exige não apenas observação cuidadosa, mas também abertura para 'ser afetado' pelas vivências e cosmologias dos que estão ao seu redor (Cf. FAVRET-SAADA, 1990). Essa experiência revisita a subjetividade do etnógrafo e dos narradores, demonstrando a importância do envolvimento emocional e pessoal no processo de pesquisa.

Nesse sentido, a partir das interações com seus interlocutores, o pesquisador vivencia uma troca com o "outro", ideia que reflete as diferentes visões e dinâmicas sociais que compõem a realidade da pesquisa etnográfica. Ao decorrer do campo, o etnógrafo é constantemente moldado e, do mesmo modo, transformado pelas pessoas e experiências com as quais se depara, criando uma indissociabilidade entre a investigação e a vivência pessoal, visando modificar o etnógrafo, afetá-lo e não simplesmente fazer dele um coletor de discursos. Esses aspectos mostram como as emoções e experiências do etnógrafo se entrelaçam ao seu 'eu' profissional no campo, transformando sua subjetividade, suas percepções e interpretações das realidades culturais que observa. Como apresenta Favret-Saada (2005, p. 157), o pesquisador se vê em um dilema constante entre participar, correndo o risco de transformar o campo em uma experiência pessoal, ou observar à distância, comprometendo sua capacidade de compreender verdadeiramente o que acontece ao seu redor:

“No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 157).

Assim, é fundamental refletir como o trabalho de campo a dimensão “pessoal” do etnógrafo, a vivência no campo não apenas permeia sua vida pessoal, mas também desafia a separação entre o profissional e o pessoal, uma vez que o contato direto com o cotidiano da comunidade suscita experiências que o transformam e o afetam de maneira irreversível. Jeanne Favret-Saada (2005) defende que o etnógrafo não é imune às experiências vivenciadas no campo, as emoções e o envolvimento pessoal se entrelaçam com o trabalho profissional, levando-o a questionar seus próprios valores, reviver emoções reprimidas ou desenvolver novas

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Luzimar Paulo Pereira. Coorientador: Lucas Parreira Álvares.

formas de encarar a vida. Deste modo, em “Ser Afetado”, Favret-Saada (2005) visualiza que, ao se inserir em um campo, o etnógrafo não permanece uma figura neutra ou distante, muito pelo contrário, ele se torna parte das relações e narrativas locais, sendo profundamente impactado pelas emoções, práticas e juízos de crenças da comunidade, deste modo “pôr em questão o tratamento paradoxal do afeto na antropologia: em geral, os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 155). Durante seu estudo sobre feitiçaria no interior da França, Favret-Saada sentiu o peso desses valores em sua vida emocional. Por isso, o etnógrafo se envolve diretamente no universo emocional das pessoas que estuda, sendo transformado por essas interações. O ‘ser afetado’ altera sua perspectiva e ao deixar o campo, ele já não é a mesma pessoa que entrou, carregando consigo traços profundos das emoções e experiências compartilhadas. Favret-Saada (2005, p. 155) reforça essa ideia ao destacar a necessidade de reabilitar a sensibilidade como parte essencial da experiência etnográfica, uma dimensão muitas vezes negligenciada na tradição filosófica ocidental.

“Nos encontros com os enfeitados e desenfeitadores, deixei-me afetar, sem procurar pesquisar, nem mesmo compreender. Chegando em casa, redigia um tipo de crônica desses eventos enigmáticos (às vezes aconteciam situações relacionadas a uma tal intensidade que me era impossível fazer essas notas a *posteriori*” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 158).

Essa imersão emocional no campo evidencia como o etnógrafo não apenas documenta narrativas, mas também vivencia e é atravessado por elas. Nesse sentido, é fundamental compreender o papel das narrativas como ferramenta essencial para aprofundar-se na vida cotidiana do campo, como exemplifica o antropólogo Luzimar Paulo Pereira (2012) acerca da noção de “narrativas”, que são fundamentais para o etnógrafo ter um entendimento íntimo dos significados culturais, experiências e visões de mundo, gerando a oportunidade de contemplar as histórias de vida, os mitos locais e os relatos pessoais. Com isso, o etnógrafo não apenas registra fatos, mas também acessa o simbolismo e os valores que estruturam a sociedade que ali habita.

Na obra de Pereira (2012), especificamente no caso dos tocadores de viola, seus interlocutores, os relatos sobre dons divinos e pactos demoníacos carregam símbolos que refletem a moral, a fé e as crenças que sustentam a prática musical local, onde encontramos histórias que revelam mais do que apenas eventos que ocorreram individualmente, elas apresentam esforços e sacrifícios pela busca por reconhecimento em um contexto cultural que apenas a narrativa local lhe dá a oportunidade de vivenciar. Desta maneira, aponta Pereira (2012, p. 1049), “as narrativas estariam baseadas em ações pretensamente observadas que, classificadas segundo certos valores e categorias, funcionariam como ferramentas sociais e culturais para conferir ou destruir reputações coletivas ou individuais”. Assim, as narrativas não apenas comunicam, mas também convidam o etnógrafo a se enraizar no espaço simbólico dos participantes, tornando-se um meio pelo qual o pesquisador tome parte do cotidiano, compreendendo-o da mesma maneira que vai se moldando e acumulando experiência da cultura local, efetivando cada vez mais o sentimento de pertença.

## 2. SER AFETADO

Percebemos então, que o trabalho de campo deixa de ser apenas uma tarefa acadêmica e passa a ser uma experiência transformadora, tanto para a compreensão do objeto de estudo quanto para a própria construção identitária do pesquisador, isto é, não se trata de afastar a subjetividade, mas de integrá-la ao processo de conhecimento. É por meio de ‘ser afetado’ que o pesquisador pode acessar camadas mais profundas das dinâmicas sociais e culturais, compreendendo não apenas o que está sendo dito, mas o que é sentido, vivido e ressignificado no cotidiano da comunidade.

“Meu trabalho sobre a feitiçaria no Bocage francês levou-me a reconsiderar a noção de afeto, e a pressentir o interesse que haveria em trabalhá-la: primeiro, para apreender uma dimensão central do trabalho de campo (a modalidade de ser afetado); depois, para fazer uma antropologia das terapias (tanto “selvagens” exóticas, como “científicas” ocidentais); e principalmente, para repensar a antropologia” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 155).

O impacto dessas experiências modifica o etnógrafo de maneiras que vão além do campo científico, adentrando também ao campo pessoal. Essa imersão emocional e subjetiva em uma realidade outra, onde este 'Outro' se faz presente de maneira tão intrínseca, impossibilita separar a análise etnográfica da transformação pessoal, ao serem impactados pelas crenças, práticas e emoções da comunidade, os etnógrafos não apenas documentam realidades externas, mas também ressignificam suas próprias realidades internas.

Isso nos leva à reflexão de Goldman (2003), que ao se deparar com as práticas religiosas que envolvem a comunicação com o mundo dos mortos e os rituais de cura, o etnógrafo notou que essas experiências exercem impacto direto sobre sua percepção. O autor, ao participar dessas cerimônias e observar as dinâmicas de fé, não pôde evitar ser tocado pelas narrativas e pelos fenômenos que encontrou, assim como Favret-Saada (2005), Goldman (2003) sugere que o pesquisador não é apenas um mediador de dados, mas um sujeito moldado pelas interações que estabelece no campo. Diante dessa imersão, ele se vê desafiado a lidar com experiências que tensionam explicações racionais e exigem um posicionamento mais sensível diante do que é vivido.

[...] Fiquei imaginando durante muito tempo o que fazer com essa história, como conferir a ela um grau de dignidade que ultrapassasse as recorrentes anedotas acerca de experiências místicas vividas por antropólogos no campo. Nesse caso, conferir dignidade à história dos tambores dos mortos exigia, em primeiro lugar, afastar de antemão as duas explicações mais fáceis, as quais, ambas realistas a seu modo, logo interromperiam a reflexão: a mística, que afirmaria que os tambores eram mesmo de mortos; e a materialista, que diria que se eu ouvi algo foram tambores de vivos. Na verdade, o fato de os tambores que ouvi serem ou não dos mortos (ou de alguma banda afro, do vento, ou outra coisa qualquer), ou mesmo o fato de acreditar ou não que o eram, não tem a menor importância" (GOLDMAN, 2003, p. 450).

Dessa forma, o autor ressalta que o trabalho de campo exige do pesquisador uma abertura para o inesperado, para o invisível e para a possibilidade de que suas próprias crenças sejam tensionadas pelo contato com outras formas de interpretar o mundo. Ao lidar com rituais de morte, ancestrais e espíritos, o etnógrafo se depara com realidades que desafiam as explicações racionais ocidentais, levando a reconsiderar suas próprias posições sobre vida, morte e espiritualidade. Esse processo é transformador, a experiência do sagrado, ainda que observada também provoca um impacto emocional e intelectual no pesquisador que deve confrontar suas próprias interpretações frente às experiências vividas no campo.

O etnógrafo não apenas coleta informações sobre práticas culturais ou espirituais de uma comunidade, mas também se torna um canal por meio do qual as experiências humanas com toda sua profundidade emocional podem ser vistas como um espelho das relações humanas onde as fronteiras entre o pesquisador e o objeto de estudo se desintegram, e o conhecimento produzido é fruto dessa inter-relação emocional e cognitiva.

### **3. A VIVÊNCIA NO CAMPO: O ENCONTRO ENTRE O PESQUISADOR E O CAMPO**

No processo de investigação etnográfica, o desenvolvimento do trabalho de campo ultrapassa a simples coleta de dados, tornando-se uma vivência transformadora para o pesquisador. O encontro com o 'Outro' envolve uma troca profunda de experiências, afetos e percepções que moldam tanto a compreensão acadêmica quanto a subjetividade pessoal do etnógrafo. A prática etnográfica, neste sentido, constrói-se em meio à tensão entre a imersão nas dinâmicas culturais observadas e a reflexão constante sobre o impacto dessas interações no próprio pesquisador.

Essa imersão permite ao etnógrafo não apenas observar, mas também experimentar as realidades culturais que estuda, destacando a complexidade do vínculo entre o pesquisador e o campo. A etnografia, portanto, se revela como um espaço de transformação mútua, onde as fronteiras entre o subjetivo e o objetivo, entre o pesquisador e o campo, se tornam cada vez mais próximas desafiando a visão tradicional de distanciamento científico, ou, barreira acadêmica. Em sua narrativa, Goldman ilustra esse fenômeno:

"Partimos e os ogãs me informaram a direção a seguir; falamos pouco e as duas filhas-de-santo nada. Chegamos ao local desejado: uma ponte em uma estrada meio abandonada no antigo caminho

para Itabuna. Paramos, descemos, abrimos o porta-malas, os ogãs pegaram a caixa e se dirigiram, com as filhas-de-santo, para a ponte. Fiquei no carro, esperando e olhando discretamente. [...] as duas filhas-de-santo lançaram os gritos de seus orixás, e apenas nesse momento me dei conta de que estavam em transe todo o tempo. Um dos gritos era de Iansã, o outro de Ogum, dois orixás que mantêm relações privilegiadas com os mortos. [...] Nesse momento, escutei ao longe o som de instrumentos de percussão; imaginei, primeiro, serem atabaques, depois algum ensaio de bloco afro ou coisa parecida. Entramos no carro e partimos, evitando retornar pelo caminho por onde fomos a fim de não passar pelo ponto em que o despacho fora lançado. Voltamos para o terreiro onde, no portão de entrada, alguém nos esperava para um rápido ritual de purificação, que se estendeu, aliás, ao interior do automóvel” (GOLDMAN, 2003, p. 447).

Esse trecho reforça a ideia de que a experiência de campo é uma via de mão dupla, ou seja, o pesquisador não apenas observa, mas também é observado e impactado pelas dinâmicas que testemunha. Ao participar dos rituais e observar os vivos interagirem com os mortos, ele se vê em um espaço onde o racional e o espiritual se cruzam, e onde sua própria subjetividade é moldada. Esta transformação é central para a prática etnográfica que ele defende, onde a imersão total e o ser afetado são componentes necessários para compreender profundamente a cultura e as práticas espirituais que observa, assim como Clifford Geertz (1989) em sua obra “A Interpretação das Culturas” defende que as culturas são uma teia de significados que o homem tece e na qual ele está suspenso, neste sentido, o papel do antropólogo é decifrar essas teias de significados a partir de um envolvimento profundo com as práticas culturais observadas, onde pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento.

Em vista disto, o etnógrafo que se permite ser afetado emocionalmente e intelectualmente está melhor posicionado para captar a complexidade simbólica daquilo que observa. Por exemplo, Álvares (2023) investiga como as sensibilidades espirituais se manifestam nas interações entre os vivos e os mortos, revelando um universo onde os limites entre a vida e a morte são fluidos e permeáveis. A pesquisa etnográfica de Álvares (2023) se concentra em como essas relações espirituais moldam as práticas sociais, culturais e afetivas no sertão do São Francisco, Minas Gerais. Isso nos leva a analisar o ocorrido do autor em seu campo, onde podemos observar a noção de ser afetado. É o caso de sua visita ao cemitério da comunidade de Brejo do Amparo, no município de Januária, em que o autor teve o objetivo de fotografar a lápide de um afamado violeiro que, supostamente, teria tomado parte com o Diabo. Também, outros violeiros teriam recorrido àquela lápide para fazer pactos com sua alma (ÁLVARES, 2023, p. 142). O etnógrafo aproveitou a ocasião para fotografar outras lápides no local. Em uma delas, retirou uma coroa de flores para conseguir uma melhor visualização da lápide cuja falecida tinha o nome de Domingas. Ao fazer isso, Álvares (2023) inadvertidamente provoca uma reação espiritual, afinal, na mesma noite, ele sonha com uma senhora entre 60 e 70 anos, alta, com o corpo robusto. Seus braços estavam relaxados de tal modo que as mãos ultrapassavam sua cintura e parecia estar insatisfeita com a remoção da coroa (ÁLVARES, 2023, p. 144).

Os sonhos no sertão do São Francisco, ou seja, na região estudada por Álvares (2023), funcionam como um espaço de mediação entre vivos e mortos, desempenhando um papel fundamental na construção das relações sociais e espirituais na região. Longe de serem meras experiências subjetivas, os sonhos são reconhecidos como canais regulares de comunicação onde os mortos podem manifestar suas vontades, fazer cobranças e reforçar obrigações inacabadas com seus entes. Esse fenômeno não ocorre de maneira isolada, mas está inserido em um contexto social no qual a memória, a religiosidade e a cultura popular estruturam a relação entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

A mediação dos sonhos com os mortos, reflete uma concepção de continuidade entre os vivos e os falecidos, na qual a morte não encerra os laços de obrigação e pertencimento pelo contrário, os mortos continuam a intervir na vida dos vivos exigindo reconhecimento, cumprimento de promessas e em certos casos até mesmo a reparação de dívidas espirituais. Esse trânsito entre os mundos dos vivos e dos mortos é regulado por um conjunto de crenças que conferem aos sonhos um estatuto de verdade, ainda que essa verdade seja passível de contestação dependendo de quem sonha e do contexto em que o sonho ocorre, o caráter social dos sonhos também se expressam no modo como são recebidos.

Neste sentido, coletivamente eles não pertencem apenas ao sonhador, mas circulam dentro da comunidade sendo discutidos, validados ou questionados por aqueles que compartilham da mesma rede de

relações. Além disso, a mediação dos sonhos reforça a importância da oralidade e da transmissão de saberes entre gerações, sustentando muitas das práticas associadas à relação com os mortos por meio de narrativas que atravessam o tempo. Essas histórias mantêm vivos não apenas os espíritos, mas também os valores e compromissos que estruturam a vida comunitária. Dessa maneira, os sonhos não apenas reatualizam vínculos, como reafirmam as conexões entre tradição, pertencimento e espiritualidade. O sonho que Álvares (2023) teve, leva-nos a refletir sobre a influência e o poder dos mortos no cotidiano dos vivos, revelando como os etnógrafos também podem ser afetados emocionalmente pelas práticas que investigam, evidenciando a profundidade dessas interações além do campo teórico.

### 3.1 DESAFIOS ÉTICOS

Partindo do momento em que o etnógrafo está presente em campo, a participação em eventos que designam a sua percepção é quase que instintiva, “isso se chama oxímoro: observar participando, ou participar observando, é quase tão evidente como tomar um sorvete fervente” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 156). De acordo com Favret-Saada (2005), alguns profissionais recorrem ao comportamento ativo, aquele que contrata informantes nos quais eles interrogam e retiram informações valiosas, e o passivo, do qual está estritamente ligado a observação.

“Ora, o primeiro comportamento não pode de forma alguma ser designado pelo termo “participação” (o informante, ao contrário, é quem parece “participar” do trabalho do etnógrafo); e, quanto ao segundo, “participar” equivale à tentativa de estar lá, sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 156).

Podemos dizer que a unidade de investigação não é apenas responsável por fazer o pesquisador entrar em contato com o ‘afetação’, mas também a experiência dos interlocutores da sociedade é central para a investigação e envolvimento em campo. Neste sentido, temos diferentes dimensões de pesquisa que podem interferir na maneira que o etnógrafo se conecta com os indivíduos de seu trabalho, abrangendo a dimensão material, aspectos sociais, simbólicos, econômicos e jurídicos. Por exemplo, podemos indagar a metodologia de Malinowski. O autor relatou em seu caderno de campo gestos de troca (como o oferecimento de tabaco) eram parte de uma prática de dar e receber, essencial para criar relações de confiança e obter informações que para aquele momento seriam úteis para ele, onde a significação dos conceitos da sociedade em que Malinowski estava inserido pode não ter trago o sinônimo de ser afetado já que não “escorria sobre o “imaginário”, sobre o “inobservável”, sobre a “crença” e, por fim, sobre a “palavra” nativa” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 156).

A observação sem participação pode levar a equívocos que contém aversão à realidade, como por exemplo, em 1647 um tenente da marinha sueca chamado Nicolas Köping, estava a bordo de um navio comerciante holandês na baía de Bengala. Por acaso, o navio aproximou-se de uma ilha com a missão de encontrar provisões, foi registrado pelo então tenente que seus habitantes, nus, portavam caudas semelhantes à dos gatos e tinham um porte felino assemelhado, segundo reportou Köping. “Remando em suas canoas ao lado do navio, os nativos ameaçaram invadir o barco holandês e tiveram de ser afastados a tiros de canhão” (INGOLD, 1995, p. 40). Em seguida, uma equipe de cinco (5) marinheiros foram induzidos a ir à ilha buscar suprimentos, porém, o relato diz que eles nunca voltaram. Posteriormente, “o relato de Köping foi retomado em um dos tratados de Lineu por um aluno seu, Hoppius, em 1760” (INGOLD, 1995, p. 40). Essa espécie nativa de homens com cauda foi então rapidamente classificada como uma espécie de macaco denominada como “lúcifer”. “Um juiz escocês, erudito e excêntrico, de nome James Burnett, também conhecido como Lord Monboddo, foi um dos que leram a exposição de Hoppius” (INGOLD, 1995, p. 40). A primeira preocupação que surgiu em sua mente foi checar a veracidade dos fatos que englobava essa história, a partir da qual era fácil prever que o relato de Köping era fantasioso, com um carácter excêntrico que ganhava o leitor no questionamento de que “se algumas populações têm pele branca e outras, negra, se alguns são extremamente altos, enquanto outros têm uma estatura diminuta, por que não seria possível que uns tivessem rabo outros não?” (INGOLD, 1995, p. 41).

O ponto central deste relato é manifestar que a observação sem participação pode induzir ao erro do etnógrafo, isto é, a etnografia exige uma imersão intensa. No Bocage, Favret-Saada (2005) não apenas observava os rituais de desenfiteamento, mas participava ativamente deles, isso fez com que os nativos

falassem abertamente com a autora por supor que ela teria sido “pega” pela feitiçaria, mostrando que ninguém jamais teve a intenção de compartilhar os ideais simplesmente por ela ser etnógrafa, “tudo se passou como se tivesse tentado fazer da ‘participação’ um instrumento de conhecimento” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 157).

Para além dos desafios enfrentados pelo etnógrafo no campo é essencial reconhecer o valor de uma etnografia bem construída, afinal, a compreensão do outro não é apenas um objetivo, mas um elemento fundamental da pesquisa. Isso nos leva a pensar que dialogar com o campo é algo muito difícil de se fazer no momento que o etnógrafo chega na localidade. Fato é, o processo de captar e traduzir a riqueza de sentidos que algo carrega, tanto no que é concreto quanto simbólico, é fundamental, mas também desafiador. Esse exercício de ‘angariar sentidos’ nos leva à noção de que todo objeto ou fenômeno observado no campo está imerso em uma rede de significados culturais, históricos e principalmente individuais.

O desafio do pesquisador não é apenas descrever, mas interpretar e dialogar. Precisa considerar não só sua própria percepção, mas também as percepções e associações dos interlocutores no campo. Essa multiplicidade de sentidos torna o trabalho de campo penoso por exigir constante reflexividade; o pesquisador precisa estar atento às suas próprias projeções e pré-concepções enquanto tenta compreender as perspectivas dos outros.

Betty Mindlin (1997) evidencia em sua pesquisa como o trabalho de campo é árduo e penoso, dito que, durante suas pesquisas com grupos indígenas no Brasil como os Suruí e os Zoró, ela percebeu que, embora sua intenção inicial fosse investigar aspectos como mitologia ou organização social, o tema do canibalismo surgiu de forma espontânea nas narrativas dos nativos. Isso ilustra como o trabalho de campo pode surpreender o pesquisador, revelando temas que os próprios interlocutores consideram mais relevantes ou fascinantes, reforçando a importância da abertura ao inesperado e da adaptação do etnógrafo àquilo que os interlocutores colocam como central, “não tem como remar contra a maré, pois a pesquisa fluiu, como águas de enchente. Gravei, talvez, três centenas de horas, quase sempre em língua indígena. [...] Ao recriar, tentei transmitir o encanto do que ouvi, na história em foco naquele momento, bem como noutras de outros grupos” (MINDLIN, 1997, p. 294).

### **3.2 QUANDO O CAMPO TE MARCA: A IMERSÃO CONTADA POR QUEM O VIVEU**

O trabalho de campo etnográfico, como já vimos, não se limita à coleta de dados ou à observação distante, ele é acima de tudo uma experiência que transforma o pesquisador de maneiras inesperadas. Estar imerso em uma comunidade, compartilhar do cotidiano, das crenças e os desafios de seus interlocutores implica um envolvimento que vai além do método. Neste sentido, é um processo que marca, afeta e ressignifica o próprio olhar do etnógrafo sobre o mundo, as experiências individuais de pesquisadores no campo revelam como a prática etnográfica é vivida na pele, relatos de incertezas, dilemas éticos, momentos de ruptura e até mesmo episódios espirituais mostram que o campo não é um espaço neutro. Pelo contrário, ele exige do etnógrafo não apenas técnica, mas se entregar ao campo. Por esta razão, as experiências etnográficas são marcadas por desafios e descobertas que ultrapassam o campo acadêmico e atingem diretamente a subjetividade do pesquisador, que podem se manifestar de maneiras diferentes conforme o estudo.

A etnografia, ao colocar o pesquisador em contato direto com seus interlocutores, cria um espaço de trocas onde os limites entre observador e observado tornam-se cada vez mais tênues. Durante minha pesquisa, tive a oportunidade de dialogar com dois etnógrafos que compartilharam comigo suas vivências no campo, Thaís Gonçalves de Souza mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), vinculada à linha de pesquisa Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais. Integra o Laboratório de Pesquisas Antropológicas em Política e Saúde (LAPS) como membro estudante. Possui formação em Ciências Humanas e Ciências Sociais, estando em fase de conclusão da Licenciatura na mesma área pela UFJF e Matheus de Araújo Almeida doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP), onde também obteve o título de mestre na mesma área. Graduado em Antropologia, com especialização em Antropologia Social, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integra a equipe editorial da Revista Práxis Comunal e o Conselho Consultivo da Revista Espaço Livre, além de ser membro do Hybris (USP). Apesar de trabalharem com temas distintos, compartilharam desafios comuns em suas experiências de campo, revelando a complexidade do envolvimento etnográfico e suas implicações.

Thaís Gonçalves (entrevista concedida ao autor, 2025) desenvolveu sua pesquisa no contexto da assistência ao parto, acompanhando doulas e investigando a forma como seus saberes e práticas se articulam entre tradição e ciência. Sua etnografia envolve rodas de conversa, entrevistas e observação participante, o que

a levou a lidar com a imprevisibilidade do trabalho das doulas e com as diferentes abordagens dentro desse universo, por exemplo:

“No início, eu tinha uma perspectiva muito ampla sobre o tema, enxergando todas as doulas como iguais. Ao contrário do que eu esperava, percebi muitas diferenças entre elas, o que me levou a reformular meu problema de pesquisa. Atualmente, estou trabalhando os diferentes tipos de doulagem que encontrei. Há doulas mais alinhadas a um mercado, vendendo seu trabalho em hospitais particulares, onde a ideia de humanização na saúde é comercializada. Por outro lado, há doulas mais engajadas em ativismo político, atuando quase como um movimento social. Essas diferenças, não apenas regionais, mas também de visão profissional, tornaram-se centrais na minha pesquisa” (THAIS, entrevista concedida ao autor, 2025).

Matheus Almeida (entrevista concedida ao autor, 2025), por outro lado, estudou o movimento Mães de Maio, formado por familiares de vítimas da violência do Estado. Seu trabalho exigiu um processo longo de inserção, pois lidava com um grupo que já havia enfrentado abordagens acadêmicas predatórias. O desafio inicial foi conquistar a confiança de suas interlocutoras, que, compreensivelmente, demonstravam resistência a pesquisadores externos.

“Então, um desafio inicial foi o de furar esse bloqueio, digamos assim, essa resistência, essa desconfiança, e eu entendo completamente, compreendo e acho bastante aceitável, bastante razoável, bastante legítimo, que não é uma exclusividade das minhas interlocutoras. Isso acontece, depois eu escrevi na introdução da minha dissertação, com vários outros grupos sociais, que não de agora, mas de décadas já, em diferentes lugares do mundo” (MATHEUS, entrevista concedida ao autor, 2025).

Neste sentido, ao longo dos anos, Matheus Almeida não apenas documentou as trajetórias dessas mães, mas também se envolveu diretamente no movimento participando de eventos, auxiliando na organização de atos e criando vínculos profundos com suas interlocutoras. Esse envolvimento gradativo transformou sua posição no campo, consolidando sua presença não como um observador distante, mas como alguém inserido nas redes de afeto e militância do grupo.

Apesar das diferenças nos objetos de estudo, ambos os pesquisadores enfrentaram desafios semelhantes, a necessidade de adaptação às demandas do campo, o impacto emocional das narrativas que coletaram e a transformação gradual de suas próprias percepções à medida que a pesquisa avançava. Um dos pontos centrais compartilhados por ambos foi a necessidade de construir relações de confiança com seus interlocutores. No caso de Thaís Gonçalves, o desafio estava na imprevisibilidade das agendas das doulas, isso se reflete na dificuldade de marcar encontros, como ela relata:

“A dificuldade foi porque eu marcava com elas, por exemplo. Marquei pra terça-feira, 9 horas. Ai dava segunda-noite, ela me falava assim, Thaís, eu tô com uma gestante aqui que está prestes a entrar em trabalho de parto, então eu vou ter que desmarcar com você, porque elas não têm muito a logística do trabalho delas, não tem muito, assim, eu trabalhar de oito às oito. Elas trabalham na hora que a gestante delas vai estar ali, né” (THAIS, entrevista concedida ao autor, 2025).

A adaptação foi uma exigência constante, pois as dinâmicas do trabalho das doulas não seguiam uma rotina fixa. Para Matheus Almeida, aproximar-se do movimento Mães de Maio foi um processo árduo, marcado pela desconfiança que suas interlocutoras tinham em relação a pesquisadores. Esse ceticismo não surgiu sem motivo, pois ao longo dos anos, diversos acadêmicos se aproximaram do grupo apenas para extrair relatos dolorosos, transformar essas histórias em teses e desaparecer sem qualquer retorno ou compromisso. Essa

prática, infelizmente recorrente, reduziu a pesquisa etnográfica a uma relação predatória, onde a dor do outro se torna apenas um objeto de estudo, sem consideração pelas consequências que essa exposição pode causar. Matheus Almeida relata:

“Em várias outras oportunidades, desenvolveram uma relação que a gente pode chamar de predatória com o movimento. Aproximam-se, vão à casa das pessoas, entrevistam-nas, desenterram várias questões sensíveis que afetam diretamente a saúde mental e o bem-estar, mexendo profundamente com a vida dessas mulheres. Depois, escrevem suas dissertações, suas teses, defendem e nunca mais retornam, sem dar nenhum tipo de satisfação” (MATHEUS, entrevista concedida ao autor, 2025).

Dessa forma, as vivências de Thaís Gonçalves e Matheus Almeida moldaram gradualmente a visão que tinham do trabalho de campo. Ambos se depararam com narrativas densas, que desafiaram suas próprias percepções e expectativas. Thaís Gonçalves, ao ouvir relatos de violência obstétrica, percebeu que o parto, muitas vezes idealizado como um momento de alegria, era também atravessado por desigualdades estruturais e violências institucionais. Esse confronto com uma realidade brutal fez com que ela reavaliasse não apenas sua abordagem de pesquisa, mas também suas próprias crenças e expectativas pessoais. Conforme ela mesma descreve, a experiência de campo não apenas ampliou sua percepção sobre a maternidade, mas também desestabilizou certezas que antes pareciam inquestionáveis:

“Eu acho que, por exemplo, como eu sou de maternidade, eu não sou mãe, mas eu sempre quis ser mãe. Eu acho que foi isso que me fez ir por esse caminho. Então, com certeza, deu uma bagunçada, assim, nas coisas que eu acreditava, nas coisas que eu esperava, em expectativas, porque quando a gente está falando com elas, muitas coisas boas são apresentadas e muitas coisas ruins também. Então, você começa a viver um dilema, “eu estou pesquisando isso, mas será que sou eu daqui a um tempo?”. Isso afetou muito, e afetou muito a forma como eu queria escrever sobre isso também. Tem uma questão de que eu estou conversando com essas mulheres e muitas vezes elas estão me contando violências que elas viram, não necessariamente que elas passaram. Então, parece que é uma ética que dobra, porque elas estão me contando coisas de outras mulheres e eu vou escrever um texto sobre essas experiências. Então isso também mexia muito comigo, com o que eu acreditava e o que eu esperava da pesquisa. Mas eu acho que, com certeza, mudou muito as minhas crenças e as minhas expectativas” (THAIS, entrevista concedida ao autor, 2025).

A forma como as histórias ressoaram nela não se restringiu ao campo da pesquisa. Na verdade, tornou-se um dilema íntimo e ético, pois ao escutar os relatos, Thaís Gonçalves não apenas registrava experiências, mas se via emocionalmente entrelaçada às trajetórias de suas interlocutoras, questionando os limites de suas próprias expectativas sobre a maternidade e a pesquisa. Essa transformação subjetiva se reflete na escrita, na abordagem e no modo como a etnografia deixa de ser apenas um método e se torna um espelho das tensões sociais e afetivas vividas no campo.

Matheus Almeida, por exemplo, precisou lidar com a dor e o luto constantes de suas interlocutoras. O movimento Mães de Maio, formado por mães e familiares de vítimas da violência policial, traz em sua essência uma carga emocional intensa, onde cada relato representa uma ferida ainda aberta. A convivência com essas narrativas exigiu não apenas sensibilidade, mas também uma postura ética que evitasse transformar a dor do outro em simples objeto de estudo. O peso emocional do campo, em ambos os casos, revelou-se um fator que ultrapassava a escrita acadêmica e atinge diretamente a subjetividade dos pesquisadores, algo que vá além do campo e molde o pesquisador em seu íntimo, como aconteceu com o Matheus Almeida:

“Eu continuei aprofundando essa relação, o que me proporcionou acesso a um novo universo em comparação ao que havia alcançado

no mestrado. No doutorado, com muitos mais anos de convívio, proximidade e intimidade com o grupo, passei a ocupar um lugar diferente dentro das relações que essas pessoas tecem no mundo. As categorias que utilizo com as mães são parte da minha análise na tese. Inicialmente, eu era visto como um apoiador do movimento, alguém interessado em contribuir de alguma forma. Porém, ao longo dos anos, passei a ser classificado de outra maneira. Hoje, as mães me consideram um 'filho' do movimento, uma categoria de militantes íntimos que elas escolhem cuidadosamente, tornar-se 'filho' implica assumir responsabilidades, compromissos e criar vínculos. Como pesquisador, isso significa também permitir-se ser afetado, ser situado dentro dessas relações de forma que se ganha uma nova perspectiva" (MATHEUS, entrevista concedida ao autor, 2025).

A presença contínua e a participação ativa foram fatores determinantes para que ambos conseguissem se inserir de forma legítima nos grupos que estudavam. Thaís Gonçalves percebeu que, para compreender verdadeiramente o cotidiano das doulas, precisava acompanhar suas práticas, estar presente nas rodas de conversa e entender suas diferentes formas de atuação. Matheus Almeida, precisou ir além da observação e se envolver diretamente nas atividades do movimento, ajudando na logística de eventos, acompanhando suas interlocutoras em viagens e tornando-se parte da militância. Essa imersão fez com que ambos percebessem que o trabalho de campo não é um processo unilateral: enquanto o pesquisador busca compreender o outro, ele também é observado, testado e eventualmente integrado ao contexto que estuda, para exemplificar isso, a relação entre a "ética que dobra" de Thaís Gonçalves e a "ética predatória" de Matheus Almeida revela nuances do trabalho de campo e a delicadeza envolvida na interação com os interlocutores. Thaís Gonçalves lida com a transmissão de histórias que embora não tenham sido vividas diretamente por suas interlocutoras, possuem relevância dentro de uma lógica própria, sua preocupação ética está em respeitar essas narrativas sem impor sobre elas um olhar externo que as desvirtue. Matheus Almeida, chama atenção para um risco presente na pesquisa acadêmica, a possibilidade de os sujeitos estudados serem reduzidos a fontes de dados, sem que suas experiências sejam tratadas com a devida responsabilidade. Seu questionamento sobre uma ética que se torna "predatória" aponta para a necessidade de um envolvimento que vá além do interesse estritamente analítico, valorizando as relações construídas ao longo do processo. Essas perspectivas mostram como a pesquisa etnográfica não se resume à coleta de informações, mas envolve encontros que afetam tanto o pesquisador quanto aqueles que compartilham suas histórias. Nesse sentido, a ética no campo não pode ser fixa ou instrumental, mas sim sensível e atenta às dinâmicas humanas que se desenrolam na pesquisa. Percebemos também que o tempo se mostrou um elemento essencial nas duas etnografias, as relações de confiança e pertencimento não se estabeleceram de imediato, mas foram construídas ao longo dos anos. Esse aspecto evidencia um ponto fundamental da prática etnográfica, a necessidade de comprometimento prolongado e a impossibilidade de compreender plenamente uma realidade sem estar imerso nela por um período significativo. Neste sentido, podemos perceber que a etnografia vai além de uma simples metodologia de pesquisa, ela é um processo de imersão e transformação que exige do pesquisador não apenas habilidades técnicas, mas também disponibilidade para ser afetado e modificado pelo campo. Criar expectativas, confrontar emoções e exigir envolvimento, molda a forma como o etnógrafo percebe o mundo e sua posição dentro dele, ao final de suas pesquisas nem Thaís Gonçalves nem Matheus Almeida saíram como entraram, ambos carregam consigo marcas profundas do campo, não apenas em seus trabalhos acadêmicos, mas também em suas trajetórias pessoais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A etnografia é um caminho sem volta. Transformado pela experiência e pelos encontros que marcam sua trajetória, o etnógrafo entra em campo com um olhar e sai dele com outro. Este trabalho buscou evidenciar como a imersão no campo não apenas impacta a produção do conhecimento, mas também transforma aqueles que se propõem a habitar, ainda que temporariamente, os mundos alheios entre a observação e a participação, entre a distância e a imersão, e sendo assim, a pesquisa etnográfica revela-se um constante movimento de dar e receber.

Ao longo desta investigação percebemos que o 'ser afetado', conceito central em autores como Jeanne Favret-Saada (2005), impõe-se como um elemento inescapável do trabalho de campo. O etnógrafo não sai ileso

das interações que estabelece, sua subjetividade é moldada por aqueles que encontra e em troca ele também altera, ainda que minimamente, as relações que observa. O caso de Matheus, que se tornou um ‘filho’ do movimento Mães de Maio, ilustra essa dinâmica. O pesquisador, antes um observador externo, foi absorvido pelo universo que estudava, tornando-se parte da rede de afetos e compromissos que apenas documentava.

Nesse processo, o pesquisador se depara com questões éticas complexas. Como registrar as dores de uma comunidade sem transformá-las em meros objetos de estudo? Como evitar a relação predatória que tantas pesquisas acadêmicas construíram com seus interlocutores? A resposta parece residir na responsabilidade que vem com o envolvimento. Matheus compreendeu que ser aceito no movimento implicava assumir compromissos para além da escrita acadêmica. Thaís percebeu que captar as diferentes perspectivas das doulas exigia escuta atenta e flexibilidade, ambos aprenderam que a etnografia não se encerra no momento da defesa da tese, mas continua a reverberar tanto no campo quanto na vida dos pesquisadores.

O trabalho de campo não se reduz à coleta de dados, ele é antes, um processo de negociação, de implicação e de transformação mútua. Ele é também um convite ao desconhecido, um desafio às certezas e uma experiência de atravessamento que coloca o pesquisador diante de novas formas de ver o mundo. Como bem pontuam Favret-Saada (2005) e Goldman (2003), a etnografia exige um compromisso radical com a abertura, abertura para ser afetado, para duvidar das próprias crenças, para se deixar conduzir pelo campo. Um encontro com o outro com realidades que desafiam nossas perspectivas e sobretudo, um encontro consigo mesmo.

A etnografia não é um caminho de volta, quem retorna do campo não é o mesmo que partiu, cada experiência narrada, cada afeto compartilhado, cada obstáculo superado se traduz em marcas invisíveis que o pesquisador carrega consigo, ressignificando não apenas sua relação com o campo, mas sua própria existência.

## REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Lucas Parreira. **Dívidas d’alma: sensibilidades entre vivos e mortos no sertão do São Francisco, Minas Gerais**. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/53701>. Acesso em: 26 fev. 2025.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 13, p. 155–161, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/-view/50263>. Acesso em: 26 fev. 2025.

CLIFFORD, Geertz. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 423–444, 2003. DOI: 10.1590/S0034-77012003000200012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/27171>. Acesso em: 8 nov. 2024.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995.

MINDLIN, Betty; NARRADORES INDÍGENAS. **Moqueca de maridos: mitos eróticos**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

PEREIRA, Luzimar Paulo. As vicissitudes da fama: os dons divinos e os pactos demoníacos entre os tocadores de viola de dez cordas do norte e noroeste mineiro. **Revista de Antropologia**, p. 1047-1083, 2012.